



## DESENHOS DE COMER, CERÂMICAS PARA VIVER, DESENHOS DE COMER, PARA ITAPARICA E TRAVESSIAS, TRÊS EXPERIMENTAÇÕES

Lucimar Bello P. Frange. UFU

*De noite bebo água de merenda.*  
Manoel de Barros

**RESUMO:** Desenhos de Comer, cerâmicas para viver. Desenhos de Comer, para Itaparica e Travessias, é parte de uma pesquisa em andamento sobre ações criativas e colaborativas em comunidades. Os processos de criação relacionam as experiências das pessoas de diversos lugares, idades, etnias e culturas, com a arte contemporânea. O texto dialoga com artistas, filósofos, escritores e suas práticas visuais e verbais, ancorado em estéticas e estesias. Apresento, nesse fragmento, ações realizadas junto ao Grupo MAMETO, em Cachoeira, Itaparica e Ilha de Maré, na Bahia.

**Palavras chave:** Arte e comunidades, processos de criação, arte e literatura, arte e filosofia.

### ABSTRACT

Desenhos de Comer, cerâmicas para viver (Drawings of Eating, ceramics to live). Desenhos de Comer para Itaparica (Drawings of Eating for Itaparica) and Travessias (Crossings), is part of an ongoing research on creative and collaborative actions in communities. The processes of creation relate the experiences of people from different places, ages, ethnicities and cultures, with contemporary art. The text dialogues with artists, philosophers, writers and their visual and verbal practices, anchored in aesthetic and aesthesis. Present, this fragment shares held by the Group MAMETO, in Cachoeira, Itaparica and Maré's Island, in Bahia.

**Key words:** Art and communities, creative process, art and literature, art and philosophy.

### Introdução

*...fazer da arte um testemunho do encontro  
com o irrepresentável que desconcerta todo pensamento –e,  
a partir daí, um testemunho contra a arrogância  
da grande tentativa estético-política do devir-mundo do pensamento.*  
Jacques Rancière

Venho realizando uma pesquisa junto a comunidades, que envolva atos e situações de saborear com alegrias, simpatias, delicadezas, atitudes. Essas contaminações unem estesias partilhadas como dimensões fundantes para criações estéticas. Jacques Rancière fala sobre as *fábricas estéticas e considera os atos estéticos como configurações da experiência, que ensejam novos modos do sentir e*

*induzem novas formas de subjetivação política* (Jacques Rancière, em *A partilha do sensível*, p. 11). Os sabores, receitas de família, memórias de gostos, comidas, cheiros, preparos, são modos de ativar uma “gastronomia” quase soterrada. *Gastronomia – gourmandise – é forma de vida, o aproveitar as delícias da natureza para a arte de comer bem, da mecânica do gosto às alegrias compartilhadas de convivibilidade* (A narrativa do gosto, Grianfranco Marrone in: LANDOWSKI, Eric e FIORIN, José Luiz (eds). *O gosto da gente, o gosto das coisas*, p. 177-9). Saborear os alimentos, que há muito se esqueceu, tem sido substituído pela fome e necessidade do sustento. Venho ativando camadas anteriores e profundas – a comensalidade, o comer com os outros, tendo o sabor como a entrada de iguarias pela boca, boca-focinho para um mundo, boca-comunicação de “um fora para um dentro” e de “um dentro para um fora”. Boca-rostro, boca-conexões com universos não-sabidos ancorados em experiências de trocas, memórias, histórias de vidas coletivas. A chamada “alta gastronomia” gera uma distância e exclui os sabores e saberes chamados de “caseiros”, como se cada um de nós não tivéssemos âncoras em mesas postas em casas, cidades, países, culturas. Considero as diferenças alimentares como políticas de profundidades – ações micro políticas. O prazer de comer junto inclui o olho, a orelha, o nariz, a mão, o rosto que exploram o ambiente e procuram alimento. A boca provê algo para comer e para fornecer ao corpo as energias necessárias. O 6º sentido – o genésico é o eros que garante a reprodução da espécie.

Merleau-Ponty afirma que, pelo olhar interrogamos as coisas, e devemos compreender o corpo como um sistema voltado para a inspeção-introspecção do mundo. O sabor é um dos primeiros olhares para as degustações, comemos com os olhos, com o nariz, com as mãos – tatilidades sensíveis. Estariam as pessoas mais obesas pelas distâncias entre comer e saborear? Estariam em relações superficiais entre o sustento, o saciar a fome, em detrimento dos prazeres de comer com gosto, e comer junto ao invés das correrias de comer sozinho pela pressa voraz dos trabalhos e compromissos? A pressa permite que os sabores aflorem sensações, mais do que sentimentos fugazes e rápidos? Os “fast foods” possibilitam espaços de encontros? E de acontecimentos gustativos? A profundidade nos apresenta coisas e espaços em latência, incluindo o comer e saborear. A implicação da profundidade do próprio corpo na visão das coisas, nos coloca no meio delas com

espessuras e zonas de opacidade, sinais de existência que devem ser interpretados pelo pensamento e pelas experimentações, também gustativas. O sabor é expressão muda de sentido, acontece enquanto operação reflexiva do próprio corpo, comunicação com o mundo através de olhares e de sensibilidades (Merleau Ponty, em *Fenomenologia da Percepção*).

Tento lidar com o *irrepresentável que desconcerta todo pensamento*. Deslizo em dúvidas, em *ninhos de germinação, em deixar de ser para tornar-me*. As escolhas, ao atuar como artista, são pelas experiências que se dão no encontro, experiências que fabriquem acontecimentos entre pessoas. *Sinto rumores de conviviabilidades* (David Lapoujade), *conhecimentos mínimos de diferenças a se fazerem*. Nesse texto, tento habitar *um papel em branco*, prene de incertezas entre sabedorias e paladares. Tento me livrar de comedorias sabidas e dar corpo a sabores indagadores numa sequência de palavras e pensamentos, fluxos de escrita e fluxos de leitura, criando escapatórias para o leitor: ler, ficar, sair, zarpar, zapear, construindo conhecimentos pesquisantes e colaborativos entre sabores e saberes na arte e na vida.

Desenhos de Comer, cerâmicas para viver; Desenhos de Comer, para Itaparica e Travessias são três experimentações, entre 2010 e 2012, realizadas em cidades do interior da Bahia. Trabalhamos as relações entre processos de criação pessoais e coletivos enfatizando as inquietudes “criáveis”. A palavra “criável” (inexistente no dicionário), é uma criação em fluxos tal qual o pêndulo de Foucault – não há estabilidade nem sossego. A pesquisa e a extensão inter-relacionam universidades e comunidades, espaços e lugares nos quais se dão as trocas, as acolhidas, as escutas, as criações das pessoas com seus saberes locais atravessadas por não-sabidos, transformando-os em processos de criação.

## Desenhos de Comer, cerâmicas para viver



*As coisas que não existem são mais bonitas.*

Felistênio

*Desenhos de Comer, cerâmicas para viver*, foi ação realizada junto ao Grupo de Pesquisa MAMETO – MATéria, MEMória, conceiTO, coordenado por Viga Gordilho, em Coqueiros, no Recôncavo Baiano.

Chegada. Escolhemos uma árvore que é espaço de encontros entre os poucos habitantes do lugar. Balas de goma em diversos formatos (frutas, vegetais, sapatos, casas, carros), jujubas (redondas e compridas), sequilhos são colocados sobre tecidos, esses por sua vez, no chão. Crianças, adultos e adolescentes são convidados a desenhar com as balas – serão “o lápis”. O gosto e o sabor são os mínimos de cada pessoa, a clamar instantes e memórias gustativas antes dos atos de desenhar e pintar. Ao invés de sugerir desenhos e escutar o chavão: “não sei desenhar”, as “coisas de comer” agitam diferenças, estesias e conviviabilidades. Um desenho começa a surgir, a espera é presença por algum tempo. As balas-desenhos mostram coisas arredondadas: cocos, panelas, tampas, pratos, pedras do tauá, cortes de bambus – coisas, agora enredadas. Caminhos mostram o Paraguaçu a banhar a vila, as ruas, as casas, as vidas, ali resistências de muitos. Com lápis são traçados os trajetos das balas. As sobrantes, consideradas como instantes gustativos e desenhantes, são recolhidas em sacos transparentes e entregues aos desenhadores para continuidades de degustações em casa, na rua, com a família e com os amigos. Há uma intensificação do processo do gosto, uma passagem direta da região da sensibilidade para a da sociabilidade. As alegrias afloram. Começam os desenhos e as pinturas sob a sombra-saborosa. *A experimentação de sabores, feita de memórias e de imaginação ao mesmo tempo, e somente com base nesta poderia estabelecer uma escala de gostos e preferências, curiosidades e exclusões (O*

*Museu dos Queijos*, de Italo Calvino, p. 68). Saborear coletivamente é acionar camadas de conhecimentos. O gosto tem a ver com: *ter gosto em, segundo ao gosto, de dar gosto, fazer com gosto, tomar gosto, a gosto. O gosto é um dos 5 sentidos, assessora a necessidade de alimentação, o prazer e o desprazer dos alimentos, instala uma predisposição para julgar a beleza dos produtos naturais e artísticos. Algumas palavras se ligam ao gosto: gostável, gostoso, gostosura* (Gianfranco Marrone, *A narrativa do gosto, releitura de Brillat-Savarin*, p. 177). Mas o gosto tem ficado refém da gastronomia e das necessidades vitais, escapando-lhe a sensação da estesia, da sociabilidade, da convivência. Depois de acionadas as estésis gustativas – sensações e interface entre o sujeito e o mundo – as mulheres vão trazendo e colocando bem próximas, suas produções prontas para queimar: panelas, caldeirões, tampas, pratos. Essas habitam as margens do Paraguaçu, dorso Baiano no Recôncavo. O rio é acolhedor de criações, de resistências, de re-existências. Crianças, adolescentes e senhoras se agrupam, organizam ações conjuntas, criam convívios intensivos e uma multidão, um mutirão de afetos.

O “corpo coletivo” e as “subjetivações corpadas” se dão no aqui e no agora. Estariam os tecidos como *papel vazio, em branco, aguardando anseios?*

Entre meus desassossegos conceituais na criação e na pesquisa junto aos encontros com as comunidades, leio Fernando Pessoa: uma *grande claridade* de um dia acendendo um *sossego de sons e de ouro*, fazendo acontecer *uma suavidade... Num dia assim nada pode haver que pese sobre não haver senão suavidade* (*Livro do Desassossego*). Estar imersa em Coqueiros, entre os saberes e os sabores são instantes-lampejos de suavidade, calma carregada de turbulências criativas. As delicadezas de um gesto ao colocar uma bala na boca, o gesto de arrumar e re-arrumar as panelas para a queima, são instantes de mínimos que nos compõem e, nas paneleiras se corparam. Corpar é uma construção inscrita no corpo, baseada em histórias corporais, presenças que vão se estabilizando, afecções e contaminações desassossegadas.

As paneleiras de Coqueiros, a queima de panelas, os atos de comer as balas são multiplicidades. Para Calvino, *quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele unicum que é o self de quem a escreve... quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de*

*experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis* (Ítalo Calvino, *Seis propostas para o próximo milênio*). As experiências são compartilhadas por quem colhe o barro, trata, molda, queima, transporta, vende. As panelas não se misturam, cada uma tem uma marca. Um fogo nada suave engole bambus e retalhos de madeira. As cerâmicas ficam fortalecidas por essas camadas. As lambeções vindas das queimas são combinatórias de experimentações, o “único” não faz sentido entre as panelas. Assinaturas a reafirmarem autorias não são necessárias. Os modos de identificação “de autoria” são marcas d’águas diretas no barro, presenças de corpos por seus gestos mínimos no mundo, são como feridas e bordas penetrantes – *minha ferida existia antes de mim*. Ferida de máquinas de guerra, instantes de vida, não como fogo-fátuo, mas como fogo-vermelho-carne, como a *vianda* de Deleuze em Bacon, *zona comum do homem e do bicho, sua zona de indiscernibilidade, ela é o fato...* (Deleuze, *Lógica da Sensação*). Fazer, marcar, organizar, coletar, empilhar, gravetar entre as panelas, conversar no entorno, atear fogo, são práticas colaborativas. *\_A queima acontece somente aos domingos, pois os outros dias são de trabalhos e da casa*, diz uma delas. Abandonar o local, esperar, esfriar, recolher, levar para a cooperativa, vender, partilhar os ganhos, sustentar a família *\_Esse ano temos que fazer muitas, muitas panelas e vender, pois ano passado choveu muito e não tivemos dinheiro pr’a nada*. Alegrias, simpatias, delicadezas, intensidades se instalam em níveis indiscerníveis. Os gestos, as ações, as conversas são organizacionais, políticas e estéticas, são como *instantes-já*, aves beijando flores, *pirilampos que acendem e apagam fluxos*, fluxos, fluxos. *Quero a vibração do alegre* (*Água viva* de Clarice Lispector). Luzes e asas desassossegadas mantem o prazer de néctar num bico-lança, certo e penetrante de beijas flores; mostram suavidades e densidades dessas mulheres em suas organizações sociais, culturais, econômicas, estético-ético-políticas.

Os atos de queima na “pequena” Coqueiros, *longe da contaminação do mundo, ao mesmo tempo o influencia*. As panelas, em seus atos e atitudes são como lavapés de histórias ilimitadas, recombinações incorporando rituais, danças, sensualidades, culturas co-instaladas. Volto novamente ao “instante já” de Clarice, a

acender a vida coletiva. Como fermento no bolo, cresce ali uma *formação contínua cultivando corpos, mitos, intuições poderosas com forças autopoieticas*, dentro do trabalho, da criação, da família, entre os amigos. As amizades estão emaranhadas, os pés descalços, as mulheres cantam seus ritmos de vida, os encontros as sustentam. Uma panela colocada no chão e outras mais, delicadezas em fortalezas de olhares, palavras e ações. Uma delas olha, tira uma panela, recoloca calços, pratos, panelas, re-arruma a pilha. O fogo lamberá a todas por inteiro. Fogo-língua a ultimar as cerâmicas. O barro antes molhe, nu, agora moldado, segura corpos e vidas, queima duras forças, finas e agudas presenças que vazam para mundos outros: casas, hotéis, restaurantes, jardins além de Coqueiros. Sussurros e vozes *\_Aqui não tem lugar para bêbado, não. Atravessa a rua, enfia o rabo entre as pernas, vai pr'a casa e fecha a janela. Na floresta negra de seu mundo, o homem atravessa enfia vai, se fecha. Os saberes e a liderança das paneleiras se afirma. É a diferença das mulheres do barro sustentando as famílias.*

Homens e crianças se banham no rio, mergulham e brincam dando risadas. Paneleiras-anjas tocam com *línguas de corpo* (José Gil, *Metamorfoses do corpo*), fina e agudamente as águas, as terras, os tauás, *enquanto outros reis*, enclausurados em empresas de si, *continuam a dormir*. Os homens continuam a se banhar no rio, ignoram os trabalhos das paneleiras. As suavidades e os estados de alegria contem as *tristícias, as terrorias roxas, as pintura.desejo.escrita com outra coisa ainda, nas beiradas, nos cantos, nos meios, nos alhures* (Deleuze, *Faces e superfícies. Ilha Deserta*).

O tauá, óxido de ferro, é vermelho-forte tal qual a *vianda de Bacon*. As paneleiras são tauás, que é extremamente duro, tirado nas barrancas e colocado sobre um saco de cimento na rua, para que os carros passem e o triturarem. Tão logo triturado é carinhosamente colhido, peneirado, guardado. Partes duras retornam ao leito-rua, à espera de um novo carro-triturador. Sábias percepções de cidades, levezas de um toque esmagador. Com tauá são pintadas as partes internas das panelas. Beleza e dureza juntas dão firmeza de uso. As paneleiras são durezas e suavidades, consistências e fragilidades para que belezas delas escapem. Tento entrar na rodada de panelas, e um corpo dançando com extrema leveza, me coloca pr'a fora. Desse lugar de fora fico entendendo o meu lugar de fotografar – não sou

paneleira nem moradora desse lugar, sou apenas uma *turista aprendiz* (Mário de Andrade). E, no meu lugar me coloco, nele fico.

### Desenhos de Comer, para Itaparica



*A superfície do pão é maravilhosa em primeiro lugar por causa dessa impressão quase panorâmica que dá: como se tivéssemos à nossa disposição ao alcance da mão os Alpes, o Tauro ou a Cordilheira dos Andes. Assim, pois, uma massa amorfa a arrotar foi introduzida para nós no forno estelar, onde endurecendo se moldou em vales, cristas, ondulações, gretas... E todos esses planos logo tão nitidamente articulados, essas lajes delgadas onde a luz com aplicação deita seus fogos, - sem um olhar sequer para a moleza ignóbil subjacente. Esse frouxo e frio subsolo que se chama miolo tem seu tecido semelhante ao das esponjas: ali folhas ou flores são como irmãos siamesas soldadas por todos os cotovelos a um tempo só. No pão amanhecido essas flores murcham e encolhem: desprendem-se então uma das outras, e a massa torna-se friável... Mas partamo-la: pois o pão deve ser em nossa boca menos objeto de respeito que de consumo.*  
Francis Ponge

Entre os estados contínuos e criáveis das inquietações de pesquisar na rua e em cidades, vivo durante 74 dias seguidos, uma Residência Artística, no Instituto SACATAR, (Ilha de Itaparica, Bahia, 2011). Delicadezas, alegrias, simpatias são reacendidas ao lado da acolhida da comunidade Itapariquense (dita "interiorana"). Com muitas pessoas participando: equipe do SACATAR, Oficina de Artes, Biblioteca, profissionais de diversas áreas, moradores, concebemos, formatamos e corpamos as *Cinco Oficinas Desenhantes* e, no final da Residência, a Exposição: *Desenhares, saberes da Ilha de Itaparica*, com muitas quitandas, pão de queijo e



“petifus”, assim chamadas as delícias das merendas baianas. Ainda se toma merenda por lá – *de noite se bebe água de merenda*. Este hábito-valor me interessa – comer.mos juntos.

Fatura na Ilha, comidas distribuídas na Festa dos Ogãs. Apanãs e cocadas muitas, vendidas em bacias de alumínio sobre as cabeças, tal qual trouxas das antigas lavadeiras. As arrumações lembram flores de muitas pétalas: cocadas amarelos-abacaxi, vermelhas-goiaba-viandas, sépias-amendoim, beges-côco queimado. São tempos juninos. Amendoins molhados secam ao chão. Serão comidos a noite, entre parentes e vizinhos, sentados em cadeiras nas calçadas. Vou coletando, a cada passo, a cada instante, ideias, imagens, hábitos dos habitantes da Ilha.

Vamos a Salvador. Uma maquete da cidade é feita sem cessar, registrando os vai-e-vém, os derruba-constrói-destrói velozes dos tempos atuais, quase nada sobram de casas com jardins e com quintais. Na Ilha, ainda muitos quintais, poucos jardins. Olho, observo, anoto, “fotógrafo”.

Assumo o chão da Oficina de Artes, localizada no quarteirão histórico, lugar onde os corpos se entregam aos encontros baianos. Quero esse lugar de camadas, no qual se pisa, se dança a capoeira, se aprende inglês, onde filmes são vistos e debatidos. Lugar onde acontecem os encontros da comunidade para pensar e propor as melhorias para a Ilha. Proponho a construção da maquete da Ilha (em formato de lua minguante, grotesca). Retalhos de madeira de uma fábrica de móveis são coletados antes do lamber do fogo. Na Oficina de Artes são empilhados no chão, à espera de se tornarem uma maquete-Ilha. Crianças, entre 09 e 10 anos, são convidados para fazer os Desenhos de Comer, para Itaparica. Os toquinhos de madeira são empilhados, derrubados, movem daqui, dali, mostram vizinhanças e, rapidamente são desmanchados, mudam-se cenas, cenários, situações: viram posto de gasolina, casa do amigo, bordel, farmácia, a ponte nunca construída entre Salvador e a Ilha de Itaparica (a maioria nem a quer), ruas, lugares das brincadeiras, sorrisos, gargalhadas. Toquinhos-cidade-vidas geram lugares da Ilha e não existem mais toquinhos sobrantes. Sobre a maquete pronta são colocados guardanapos brancos como se fossem as pessoas, amigos e conhecidos. São servidos os apanãs, os bolinhos de estudante e as cocadas coloridas com anilinas

azuis, verdes, vermelhas, roxas, marrons, amarelas. Primeiro, se transformam em pessoas na maquete, em seguida são comidos à vontade. Os desenhos são como superfícies, pequenas peles, esponjas que incham e mostram; trazem palavras, histórias, risadas dos habitantes da Ilha, famílias, conhecidos, andarilhos. As alegrias vazam pelos rostos das crianças e dos adultos ao verem corpos em movimentos citadinos, construções são feitas e variadas durante hora e meia.

Cai a tarde. Cada criança sai com um saco preto cheio das pequenas madeiras – agora, partes imantadas da Ilha de Itaparica e suas histórias. Elas vão gerar cidades outras, noutros lugares. Andanças desenhantes estão por vir. Em sacos brancos são levados os bolinhos, os apanãs e as cocadas, a serem degustadas n'outros ambientes como extensões de um trabalho compartilhado. Saem todas as crianças tocando como se fossem em fagotes comíveis. Suas existências seguem em estados de criação, riem, acenam, agradecem. A alegria vaza nos olhares e nos corpos que brincam, sem fim sem começo, comendo tardes ainda arte, *lembro um menino repetindo as tardes naquele quintal* (Manoel de Barros, em *O livro das Ignorâncias*). Lembro as vibrações da criação ecoando naquela tarde caída. Lembro vivamente as crianças-afetos com seus sacos nas mãos e às costas como se fossem “papais-noeis” fora de época, a partilhar imaginários e vidas suspensas – horas de uma tarde de criação e de sabores-saboreados.

Desenhos de comer, são conversas com o percurso de Tiravanija, fazendo romper a passividade do espectador e os cultos aos objetos d'arte. Em uma galeria, cozinha comida tailandesa servindo-a às pessoas. O artista frequentemente atua em espaços que induzam à interação e à comunicação. Dialogo com Tiravanija, essas ações levam ao inesperado, às surpresas, às contaminações estéticas e estésicas, às sutilezas, às alegrias.

Dialogo com *Troco Sonhos* (1998 a 2006), de Ana Teixeira. Foca-se na ambigüidade da palavra "sonho" que, na língua portuguesa tem mais de dez diferentes acepções. Acontece com a montagem de uma barraca como dos camelôs, em um espaço público de passagem e grande movimento, onde está uma bandeja com dezenas de sonhos, pequenos bolos recheados. É proposto aos transeuntes que troquem sonhos com a artista: em troca de um sonho – bolo doce –

eles lhe dão um sonho, gravado por um cinegrafista. São mais de 6.000 sonhos trocados e gravados. Nesse trabalho temos os sonhos-sonhados-comidos-trocados-arte.

Dialogo com *Glória às lutas inglórias*, de Néle Azevedo, um antimonumento realizado em São Paulo, no Pátio do Collegio, na Virada Cultural/2007, para se contrapor ao obelisco ali existente denominado *Glória Eterna aos fundadores de São Paulo*. Duzentos caixotes cheios de frutas. Um grande desenho horizontal e aberto formava um grafismo dos povos Guaranis no mesmo tamanho do obelisco ao lado. Em meio ao desenho, muitas esteiras de palha no chão criavam espaços de convivência. O público foi convidado a celebrar através do sabor das frutas, da interação dos sentidos – a memória da vida aqui e agora; uma espécie de celebração do corpo presente na história. Os sabores são recheados de palavras que carregam micro políticas, histórias, críticas, memórias, “lá-aqui-agoras”.

Dialogo com o filme: *A Festa de Babette que conhecia os segredos de produzir alegria pela comida. Sabia também que, depois de comer seus pratos, as pessoas não seriam as mesmas. Os convidados para o banquete também intuía isso, mas tinham medo de sucumbir aos prazeres do palato, como se ele fosse impuro, demoníaco até. Na festa de Babette, a ‘bruxaria’ tem efeito pacificador: os sabores amaciam velhas rixas, a dureza do corpo e até das rugas se desfaz, alisadas pelo paladar. As máscaras caem, e os rostos, endurecidos, ganham expressão, cor, sorrisos, simpatia. Ganham humanidade. O céu estava ali, naquela mesa, e era possível perceber isso sem morrer. Conclusão? O paraíso terreal existe nos raros momentos de magia e encantamento, aqueles em que nos tornamos crianças outra vez. Rubens Ewald Filho.*

## Travessias



*Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber  
...se o homem que toca de tarde sua existência num fagote tem salvação...*  
Manoel de Barros

Em treze de dezembro de dois mil e onze, atravessamos a Bahia de Todos os Santos, cerca de 30 pessoas, primeiro num barco coberto, numa canoa e depois com águas até os joelhos. Chegamos a Ilha de Maré, tocando nossos fagotes, tal qual as crianças em Itaparica. MAMETO.nenses e convidados ativam a comunidade local e as rendeiras que nos esperavam para as ações colaborativas.

Dia nublado, sóis esparsos, nuvens, mar sombrio, ora fosco, ora brilhante tal qual prata brilhando ao ser polida, mudanças belas mudanças, experiências estéticas e estésicas. Estesia são as sensações, além dos sentimentos. *Um dia assim nada pode haver que não pese sobre não haver suavidades.* Suavidades e levezas são instaladas entre cada um de nós, a nos a.com.chegar.

Conversas animadas acolhem ideias, sensações, compartilhadas de uma experiência contínua nos caminhos aquáticos, com duração intensa no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia – a santa da visão. Estaríamos mergulhando em campos de visibilidades? Ao invés de constataremos visualidades, ou mesmo, visibilidades? Um dia-cinzento, sóis-encobertos, mar-prateado, seria um certo rebaixamento para encontros internos e os “bons encontros” Espinosanos? Para esta ação – Porto V, Ilha de Maré, Mulheres de Rendas – viemos, MAMETO.nenses, de várias Instituições, lugares e Estados: São Paulo, Minas Gerais, Paraná e as diversas Bahias.

Viga Gordilho convida meses antes, para criarmos trabalhos com as rendas feitas pelas rendeiras da Ilha de Maré. Assim, encomendamos as rendas desejadas. Peço 10 rendas de linha média, brancas, de 10 x 17 cm. Recebo-as pelo correio, num envelope, delicadamente superpostas, lisas, esticadas, passadas à ferro. Viajaram da Ilha de Maré até Salvador, de Salvador a São Paulo, em São Paulo, do correio até minha casa, perfeitas, intactas, potentes rendas-brancas. As espalho em casa, converso com elas, as escuto, minha encomenda é muito pequena, pensava em partes maiores. Chego mesmo, no meu ingrato imaginário, a conferir as medidas com uma régua e o que havia imaginado como tamanho. Tenho a sensação de ter fugido da escola nas aulas de matemática. O imaginário traiu uma

primeira ideia. Bela traição para que possa ser acionada uma não-tradução (Haroldo de Campos). Preciso me adaptar criativamente ao recebido e um imenso desafio se instaura, inquieta, devora.

Compro uma “fôrma” de plástico que se usa para cobrir bolos. Ponho-a na cabeça, belo chapéu, olhar de frestas. As frestas, fissuras, sulcos permitem ver e velar, muxarabis de encontros a-devir, começam nos entreditos, nas entrelinhas, num ver quase não-visto, resguardando o que está dentro e atiçando curiosidades em quem de fora, quer partilhar o ver.

Lembro dos Desenhos de Vestir (de 1994 a 1996 e dos Desenhos de PenteAR, africanIDADES de 2011, site: lucimarbello.com.br). Penso em rendas para vestir cabeças, não os corpos. Lembro das cocadas, na Ilha de Itaparica, vendidas nas bacias e nas cabeças. As rendas cobrem a “fôrma”, é exatamente a mesma medida. Achava ter fugido da escola, nem poderia imaginar que o trabalho já estava “em-se-fazendo”. A criação é potente, o devoramento anterior se transforma em alegrias condensadas e em instantes de criação.

Rolos de fitas brancas são presas ao redor da “fôrma”. Lembro de uma linha-cabelo usada por Hécuba (vivida por Walderez de Barros, peça encenada em São Paulo, em novembro de 2011). Fiquei seduzida pela interpretação e pelos figurinos, trajas latino-americanos-africanos-indianos-japoneses-misturas-contaminações, saias de frentes e avessos virando mantos.máscaras. Lembro da *Cabeça Coletiva*, de Lygia Clark. *Somos os propositores: enterramos a ‘obra de arte’ como tal e solicitamos a vocês que o pensamento viva pela ação* (Lygia Clark, 2006). Em 1972, ela é convidada a ministrar um curso sobre comunicação gestual na Sorbonne. Suas aulas eram experiências coletivas apoiadas na manipulação dos sentidos, relacionando pessoas, objetos, sensações: Arquiteturas biológicas, Rede de elástico, Baba antropofágica e Relaxação.

Volto a Travessias. Uma linha trabalhada em tons laranjas e vermelhos faz camadas sobre as rendas. A linha acaba, tenho dificuldade de achar outra igual. Fico sabendo de um depósito em Pinheiros. Vou atrás. Consigo. Esta traição não me pega, insisto nela. A cabeça vai se formando, se formatando, pede uma roupa inteira. Compro uma saia envelope que possa ser usada por qualquer pessoa, de

criança a adulto, de qualquer peso, de qualquer tamanho, de qualquer idade. Lembro dos Parangolés de Hélio Oiticica, que chamava o Parangolé de “antiarte por excelência”. Trata-se de uma espécie de capa (lembra bandeira, estandarte, tenda), que não desfralda plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos ou as impregnações dos seus suportes materiais (pano, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, esteira) senão a partir dos movimentos da dança de alguém que a vista. O Parangolé foi *descoberto*, é palavra empregada por Hélio em 1964.

Assim, Travessias vai se compondo para ser corpada por quem tiver vontade. Viajo, levo meu trabalho. A cabeça vai numa caixa daquelas antigas de chapéu. Levo-a com carinho e cuidados, levezas. Cabe exatamente no compartimento do avião, nem um centímetro a mais, nem um centímetro a menos, delicadezas. Travessias vai ganhando mundos, viaja de barco grande, de canoa pequena. Fico atenta para que não se molhe. Chegamos à Ilha de Maré. Algumas performances acontecem. Chega o momento de nossas criações – *Ação com as Rendas – Desfile*. Travessias vai corpendo as pessoas, uma rendeira, uma jovem, uma criança. A cabeça circula em cabeças, anda de cabeça em cabeça, as roupas e colares, de corpo a corpo, criando sensações, memórias, inusitados, potências “criativos” em agrupamentos coletivos, acordos entre trocas simpáticas, coesão em tensões, fluxos em fluxos.

Desenhos de Comer, cerâmicas para viver; Desenhos de Comer, para Itaparica e Travessias, são experimentações, germinações, escorregadelas e conviviabilidades migrantes, pesquisa de escapatórias. Tento *beber água de merenda* em águas banhadas pelo Rio Paraguassu e pela Bahia de Todos os Santos, águas que escapam...

*A água me escapa... me escorre entre os dedos.  
E, ainda mais! Não é sequer tão definida (como um lagarto ou um sapo):  
ainda me restam traços dela nas mãos,  
manchas relativamente lentas para secar ou que é preciso enxugar.  
Ela me escapa e, contudo, me marca,  
independentemente de minha vontade.  
Ideologicamente dá no mesmo:  
ela me escapa, escapa a toda definição,  
mas deixa rastros, manchas informes em meu espírito e sobre o papel.  
Francis Ponge*

## REFERENCIAS

BACHELARD, Gaston. A concha. In: *A poética do espaço*. Rio de Janeiro, Eldorado, s.d.

BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignorâncias*. 13ª ed. RJ, Record, 2007.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio; lições americanas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. O Museu dos queijos. In: *Palomar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 66-69.

DELEUZE, Gilles. Faces e superfícies. In: *Ilha deserta e outros textos*. São Paulo, Iluminuras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Francis Bacon, lógica da sensação*. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

GIL, José. *Metamorfoses do corpo*. Portugal, Ed. Relógio d'Água, 2007.

MARRONE, Gianfranco. A narrativa do gosto, releitura de Brillat-Savarin. In: LANDOWSKI, Eric e FIORIN, José Luiz (eds). *O gosto da gente, o gosto das coisas*. São Paulo, EDUC, 1997.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. Ed UNICAMP, Campinas, 1994.

PONTY, Maurice Merleau. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível, estética e política*. São Paulo, EXO, Ed. 34, 2005.

[www.anateixeira.com.br](http://www.anateixeira.com.br)

[www.lygiaclark.org.br](http://www.lygiaclark.org.br)

[www2.uol.com.br/antoniocicero/parangole.html](http://www2.uol.com.br/antoniocicero/parangole.html)

[www.neleazevedo.com.br](http://www.neleazevedo.com.br)

[www.artnet.com/artists/riskrit-tiravanija](http://www.artnet.com/artists/riskrit-tiravanija)

[www.lucimarbello.com.br](http://www.lucimarbello.com.br)

[www.youtube.com/lucimarbello](http://www.youtube.com/lucimarbello)

[www.vimeo.com/lucimarbello](http://www.vimeo.com/lucimarbello)

[lucimarbellofrange/facebook](https://www.facebook.com/lucimarbellofrange/)

### **Lucimar Bello Frange**

Artista plástica, vive e trabalha em São Paulo. Exposições: Brasil, Argentina, Chile, Portugal, Espanha, Japão, Cuba, China. Vice Presidente da FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil (1995-96). Representante de Pesquisa na InSEA - *International Society for Education through Art* (1996-98). Professora na FURB, Blumenau e Professora Titular Aposentada pela UFU, Uberlândia. Pós-doutora em Comunicação e Semiótica pelo COS/PUC/SP. Pós-doutora no Núcleo de Subjetividade da PUC/SP. Atualmente é Pesquisadora Voluntária no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC/SP. Membro da FAEB e da ANPAP. Pesquisas em processos de criação entre artistas, em comunidades, em instituições culturais.